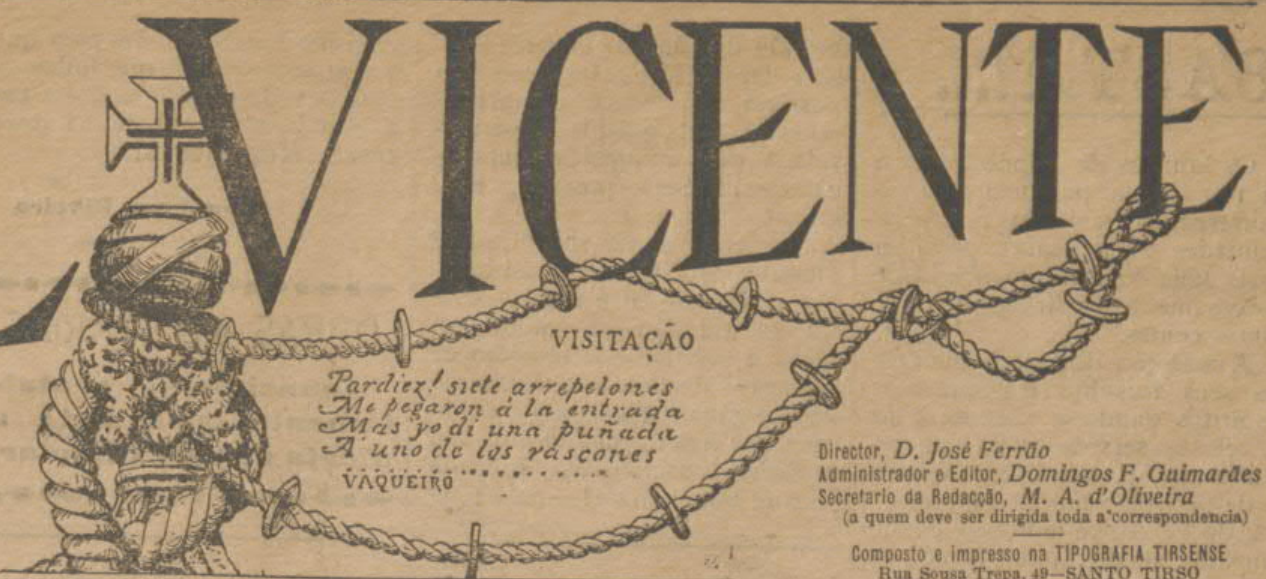




Semanario Monarquico-Integralista
(Literario e Noticioso)
Orgão e propriedade da J. M. Integralista Local
Redacção e Administração:
AVENIDA DO COMERCIO



VISITAÇÃO

Pardiez! siete arrepelones
Me pegaron a la entrada
Mas yo di una puñada
A uno de los rascones
VAQUEIRO

Director, D. José Ferrão
Administrador e Editor, Domingos F. Guimarães
Secretario da Redacção, M. A. d'Oliveira
(a quem deve ser dirigida toda a correspondencia)

Composto e impresso na TIPOGRAFIA TIRSENSE
Rua Sousa Tropa, 49—SANTO TIRSO

Reflexões sobre um aniversario tragico

(1 de Fevereiro de 1908 — 1923)

A missa rezada na Basilica dos Martires, de Lisboa, por alma d'El-Rei D. Carlos e do Principe D. Luiz Filipe, acorreu uma grande multidão: a igreja estava literalmente cheia. D'ano para ano, sobe a maré dos que acorrem a rezar pelas duas egregias victimas do criminoso atentado sobre o que se estriba a republica; d'ano para ano, parece que mais nitidamente se vai vincando no espirito publico o horror pela tragédia do Terreiro do Paço, acompanhado duma maior repulsa moral pelos assassinos e duma maior piedade pelos assassinados. Da mesma maneira, paralelamente, cresce dia a dia o odio que a Nação nutre por um regimen asfixiante, glorificador de crimes, — por isso mesmo que é governado directa ou indirectamente, por criminosos de direito comum. Lembro, entre parentesis, que no tempo em que a chamada policia de Segurança do Estado tinha por director o major Marreiros, o seu chefe do pessoal menor era um gatuno de cadastro, conhecido em gíria de calabouço pelo *Rato dos armarios*.

A igreja dos Martires encheu-se... Resta saber, simplesmente, quantos dos responsaveis directos dessa tragedia se encontravam entre a multidão; quantos deles fizeram já penitencia rigorosa, embora apenas no seu fóro interior, á face de Deus, dessa grave responsabilidade; e quantos dos arrependidos, por ultimo, estarão dispostos a resgatar os seus criminosos erros á face da Nação, oferecendo o seu sangue em defesa da Monarquia, combatendo as quadrilhas politicas, — que foram a causa determinante da morte barbara dum grande Rei e dum nobre Principe.

Sim. Porque atraz das balas assassinas dos republicanos Buíça e Costa, atraz do odio votado ao Rei pelos republicanos, havia ainda mais alguma coisa: **havia a lama com que os partidos constitucionais se combatiam, atirando-se mutuamente á cara, lama que não poupava o Trono, lama que não poupava o Rei, lama que não poupava o Simbolo da unidade nacional.** Quem alimentava as campanhas difamatorias dos republicanos, eram as campanhas difamatorias conduzidas pelos monarchicos num sentido antidinastico. Os partidos queriam continuar comendo no banquete do Orçamento, da mesma maneira por que tinham comido em todo o regafobe constitucional começado em 1834: D.

Carlos quiz reagir, com João Franco no governo, mas era já tarde; e o regicidio foi possivel, porque as mandibulas dos politicos, faltando-lhes a mandeioira e sentindo se esfaimadas, se atiraram ás canelas do Rei, como mandibulas de cães!

Eis um ponto preciso na genealogia moral do regicidio: *as quadrilhas politicas, difamando o Rei, tornaram possivel o atentado do Terreiro do Paço.* Quem o não vê nitidamente, a quinze anos de distancia? Não o vêem, apenas, aqueles cúmplices do crime de 1 de Fevereiro de 1908 que ainda hoje repudiam a acção politica d'El-Rei D. Carlos, considerando-a nefasta ao paiz, em nome dos principios democraticos que corromperam a Monarquia e tornaram possivel a ruina da Nação pela republica; não o vêem esses cúmplices, *activos e directos*, do regicidio, que ainda hoje persistem na defesa dos partidos politicos, do Liberalismo, do sufragio universal, de todas as ideias criminosas, enfim, que informam duma maneira comum a monarchia constitucional e a republica demagogica — oligarquica; não o reconhecem esses responsaveis da tragedia do Terreiro do Paço que pensam prolongar na Monarquia restaurada todos os erros, todos os vicios e todos os crimes com que perverteram a Monarquia derrubada. Querem os conselheiros acomodaticios restaurar a Monarquia unicamente pela *luta legal*, como se contra um regimen abusivo, tiranico, corruptor e destruidor da Nação, como é a republica, regimen *de facto* e não *de direito*, houvesse outra luta legal fóra da luta pelas armas, peito contra peito, sangue vertido dum lado para expiar e justificar o sangue vertido do outro! Todos os homens validos que foram rezar á Basilica dos Martires pelos egregios martires dos politicos, votando numa urna, poderiam, talvez, eleger dois deputados ao Parlamento; mas esses mesmos homens, com sua espingarda cada um e com um Comandante *visivel* á sua frente, com energia e com audacia, bastariam para derrubar de vez a republica. Ser monarchico na missa dos Martires, ou no Chiado, ás cinco da tarde, ou diante da urna eleitoral com as opiniões ocultas num papelinho dobrado, é coisa facil; mas arriscar a vida d'armas na mão pela defesa da Monarquia, é já mais difficil, porque exige o que nem todos tem: — *coragem!*

Meus belos e heroicos cama-

«Gil Vicente»

A tódas as pessoas a quem enviamos o nosso jornal, pedimos o favor da sua devolução, no caso de não nos quererem honrar com a sua assinatura.

radas do Norte e de Monsanto, integralistas e não-integralistas, como eu vos lembrô bem nesta hora e como o vosso sacrificio me aparece mais belo! Uns que se batam na guerra, e outros que nas intrigas da paz procuram aniquilar os sacrificios de sangue e de vidas que na guerra foram feitos. E' em nome desse sacrificio de sangue e de vidas que eu acuso. Acusando, frizarei que não ha o direito de expor mais ninguém, *seja quem fór*, a inuteis sacrificios de sangue, — para simplesmente repôr nos seus logares os politicos esfomeados da monarchia constitucional, e para persistir nos erros criminosos que levaram ao regicidio de 1908. El-Rei D. Carlos e o Principe Rial D. Luiz Filipe foram assassinados pelas balas coligadas do partido republicano e dos partidos monarchicos: é para restaurar esses mesmos parti-

«A Nação Portuguesa»

Nem tudo ainda é miseria na Terra Portuguesa. Ainda ha pleiades de homens illustres, sabios e artistas, que cantam as nossas belezas, que sabem preparar o nosso futuro engrandecimento, elevando-nos do caos do presente para a grandesa magestática de uma Aurora Nova, que ha-de vir, que é forçoso que venha, para que a Pátria se glorifique, para que a Raça se dignifique tambem.

E essa pleiade de batalhadores intemeratos por uma Ideia Nova, por uma Ideia de prestigio e valor nacionalista dos povos, elevando-se a regiões mais altas e mais belas onde se não ouve o coaxar das rãs, vai entoando os seus louvores á Terra e á Raça, os seus louvores a Deus e aos Homens, amealhando todas as boas energias de uma geração que, generosamente prepara os alicerces da cidade Nova, de um Portugal Maior.

E a voz desses combatentes valorosos, em que está consubstanciada, numa perfeita harmonia de sentimentos, a Voz da Raça, vai preparando o terreno para que a semente do Bem fructifique, para que as energias da Raça, ha um seculo adormecidas, despertem para a vida e para a glória dos tempos preteritos.

«A Nação Portuguesa» é uma trincheira invencível no Bom combate contra a moirama. E' um valoroso reducto de valorosos pioneiros que, interpretando em si a vontade intemerata da

geração do sacrificio, luta, sem desfalecimento, pelo seu Ideal de Beleza e de Salvação Nacional.

O grito de guerra de «A Nação Portuguesa» é bem o grito de guerra de toda a Nação. Ambos eles se confundem na mesma aspiração sublime do nosso reoportuguesamento.

O numero 6, que temos presente, relativo a Dezembro, vem confirmar tudo quanto dizemos acerca desta excelente revista de cultura nacionalista, que o douto espirito de Antonio Sardinha, tam sabiamente dirige.

Ninguém, melhor, do que o consagrado autor de *A Voz da Raça, Tronco Reverdecido, Côte da Saúde* e tantos outros livros de encantamento, podia presidir a essa pleiade illustre de escritores e artistas.

1640 é um hino a Portugal, um hino á Raça Valorosa das Descobertas e Conquistas. Antonio Sardinha poz ali toda a sua alma de estilista vernaculo, de português de lei.

S. Cristovão na Lenda e no Sonho, de Cesar A. d'Oliveira, é, tambem, uma afirmação sublime da cristianissima e poetica alma do seu autor.

A concepção da História em Eça de Queiroz, por Castelo Branco Chaves, vem confirmar os seus valiosos dotes de escritor consagrado na Historia e na Literatura.



EGAS MONIZ

«Tal diante do Principe indignado
Egas estava a tudo oferecido...»
CAMÕES.

Tambem tu me visitas, cavaleiro,
embora estejas outro, de mudado,
com esse porte que era sobranceiro,
cinjindo agora uma alva de enforcado!

Egas Moniz... E dentre o nevoeiro
contempla-me o barão assinalado.
A gorja oprime-lh'a um cordel grosseiro
e o corpo vai-lhe em vida amortalhado.

Só p'ra acudir a um reino pequenino,
afronta a ira negra do destino
e torna-a branda com o seu suor.

Errante como êle em terra alheia,
pudesse a dôr que o peito me golpeia
abrir caminho ao Portugal-Maior!

ANTÓNIO SARDINHA.

«Do livro. Na côrte da Saúde»

monarchicos nos mesmos postos de 1908 que os soldados hão de voltar a verter o seu sangue?

Augusto da Costa

Segue-se-lhe a **Cronica Politica** — «*Notre politique, à nous*» — em que Nuno de Montemor põe a descoberto os vicios e podridão de uma sociedade corrupta e covarde.

A **Cronica Social**, dividida em 5 capitulos (ainda o fascismo. O *Contitucionalismo vencido sem gloria nem vergonha. A Monarquia Integral em França. As cortes gerais. A Monarquia Social*) é um estudo interessante e cuidadoso em que Rolão Preto, o consagrado autor de *A Monarquia é a restauração da Inteligencia*, nos relata, minuciosamente, o movimento social dos países latinos.

Pão de Guerra, constitue um belo capitulo a que Felix Corrêa e Antonio Sardinha dão o seu valioso concurso.

Notas de arte, estudo sobre Domingos Xavier Rebelo, pintor regionalista, por Rebelo de Betencourt, é um belo ensaio sobre a arte do novel pintor, paisagista distinto que sabe comunicar á tela toda a graça e beleza do seu país.

Encerra ainda um excerto do recente livro de Hipolito Raposo, *Seara Nova*, que tem causado o maior sucesso literario da actualidade.

Estes requisitos impõem «a Nação Portuguesa» á consideração e auxilio de todos os portugueses. A todos, pois, a recomendamos e aos distintos colaboradores enviamos as nossas saudações de soldados liais de uma mesma Causa.

M. A. d'Oliveira.

Senhora da Luz

Esteve muito concorrida a romaria realizada no pretérito domingo a N. Senhora da Luz, na freguesia de Creixomil.

BASTA!

Os homens da República nem já força moral possuem para suportarem as tremendas responsabilidades e das quais o povo ou mais hoje ou mais amanhã há-de forçosamente pedir-lhes severíssimas contas.

A ambição do mando seduziu os seus tacanhos e pequeninos espiritos dando-se ares de bons e zelosos servidores da nau republicana, já tam cheia de lama e de podridão moral como os T. M. do E.. Assim tem sido, e continuará sendo, infelizmente, a vida do regime, que nós, pelo nosso grande amor á Pátria em que nascemos, combatemos com carradas de razão, porque nêles vemos a perdição desta como a de todo um povo que perdeu todo o seu bom senso e que dá indícios de ter perdido também o seu culto pela terra portuguesa. Dói-nos o coração ao traçarmos estas linhas que, oxalá, chegassem elas até ás altas esferas da governação publica para serem lidas, compreendidas e sentidas por quem de direito. Mas a nossa voz é fraca para que se ouça tam alto; e, mesmo que fosse ouvida, os homens caso algum fariam dela pois uma politica de baixo imperialismo, mesquinha e reles, cheia de defeitos, absorvelhes o tempo, e as clientelas sam mais dignas das suas atenções, merecem deles todos os cuidados tanto mais quanto mais desprezados e esquecidos sam os interesses desta infeliz sociedade portuguesa, que não reage, nem tem um gesto impetuoso que ponha um dique a tanto descaramento preferindo gemer — algemadas a sua consciencia e a sua vontade — covardemente, criminosamente mesmo. Outro povo, que não fosse o nosso, teria, por muito menos, repetido — **Basta!**

E esta situação de miseria sem nome, cada vez mais agravada com a já agora normal anormalidade do custo da vida, promete manter-se como se não bastasse já esta meia duzia de anos para atrofiar as energia da raça, matando ás doses, lenta e dolorosamente, as suas forças orgánicas! Tino, não há nenhum. Vergonha, essa, não existe nos dirigentes e, por fatal destino, as camadas sociais começam de perdê-la igualmente. E' para que os fados se cumpram. Só a miseria do luxo e o prazer de gosar são quem hoje dominam — deixem-nos escrever assim — todos os caracteres e boas vontades, não lhes deixando vêr ou, melhor, tomar as lições daquela Roma sensual que um dia caiu por muito gosar — vivendo do prazer e dos sentidos.

Como será duro e trágico o dia de amanhã ao soar a hora para todos pagarem bem caro os horrores de toda a miseria de ontem! E o que mais há-de custar aos olhos da alma é terem de vêr criaturas inocentes — mulheres, velhos e crianças — sofrer as consequências funestas provenientes de tantos erros e de tantos crimes...

Mas não será tempo ainda, perguntamos, de arripiar caminho, metendo-se na ordem a desordem, levando-se a todas as almas a paz de que precisam, de que tanto necessitam como o corpo do

bocado de pão que come?! Não será tarde já, ou terá remédio possível tanta loucura, tanta insensatez, tanta gula, tanta perversidade de sentimentos como de caracter?! Será possível, meu Deus!

Nós cremos que sim! Como? Neste corpo doente, quasi cadaver — Nação — só é eficaz — contra tam grande cancro moral, politico e social — este remédio de salvação absoluta — a Restauração Orgânica das velhas instituições das Artes e dos Offícios sob a formula nacionalista, prègada — com que milagre! — pelo Inte-

gralismo Lusitano. Mas para que o seja será preciso que todos os corações despertem e deem fim a esta bambochata de há doze anos — **Répública!**

Domingos Ribeiro
(Operario)

OBRAS LITERÁRIAS

Anunciam-se gratuitamente mediante a oferta de um exemplar.

Uma noite de arte

O ORFEON DE GUIMARAES EM BRAGA

: Um triunfo para o nosso grupo coral :

: : Uma glória para a nossa Terra : : :

Conforme noticiamos nos nossos dois ultimos numeros, a pleiade de rapazes autenticamente Vimaraneses, que constituem o Orfeon de Guimarães, resolveu ir no preferito dia 4 á vizinha cidade de Braga, dando, á noite, récita no Teatro Circo.

Se assim o pensou melhor o fez e a caravana orfeonica lá partiu, pela 1,10 da tarde do passado domingo, cheia de entusiasmo, e certa do seu triunfo.

O «Gil Vicente» que sente por esse excelente grupo coral, que tanto nos honra, uma dedicação extrema, mandou até á Bracara Augusta um representante que pudesse relatar aos nossos leitores, com a maior imparcialidade que nos caracteriza, tudo quanto se passasse.

Vamos, pois, cumprir a missão que nos foi confiada.

A recepção

Eram cerca das 2,20 quando os 3 camions que transportavam os orfeonistas principiaram a despontar na estrada, proxima de S. João da Ponte.

Neste local encontrava-se a comissão de recepção acompanhada de muito povo, bandeiras de varias colectividades bracarenses, academica, bombeiros, etc., e pela banda de musica dos Orfãos de S. Caetano.

Após a chegada, entre palmas e vivas aos orfeonistas, a Guimarães, ao Orfeon, a Ribeiro Dantas, vivas a que os nossos orfeonistas corresponderam com outros a Braga, ás damas bracarenses, á Academia, á Associação dos Caixeiros, etc., foi organizado o cortejo que seguiu pela rua de Agua, adornada com colgaduras de damasco, cobrindo-o por vezes, uma chuva de mimosas pétalas lançadas pelas gentis damas bracarenses.

Chegados á rua do Souto foram dadas as Boas-vindas na sede da Associação da Classe Commercial (caixeiros) que se achava belamente engalanada, comemorando, também, o aniversario da sua fundação. Presidiu um representante da Associação Commercial, que convidou para secretarios os srs. presidente da Associação da Classe Commercial (caixeiros) e Ribeiro Dantas, regente

do nosso Orfeon. Aberta a sessão, o sr. presidente saúda o Orfeon de Guimarães, na pessoa do seu mui digno regente, para quem tem palavras do mais merecido louvor. Enaltece a obra patriótica dos orfeons e refere-se ás nobres tradições da nossa Terra. Termina erguendo vivas a Guimarães e ao Orfeon, que são correspondidos com outros a Braga, á Associação Commercial, ás damas bracarenses, á academia, etc. Segue-se-lhe no uso da palavra o ex.^{mo} sr. dr. Vicente Braga que é recebido com uma calorosa salva de palmas. Num belo improviso S. Ex.^a enaltece as tradições e nobreza do berço da Nacionalidade e referindo-se ao Orfeon faz votos para que a visita do nosso grupo coral seja o inicio de uma mais intensa aproximação entre as duas cidades co-irmãs. E' muito aplaudido. O sr. A. L. de Carvalho, agradece, em nome do Orfeon, todas as manifestações de carinho que tem sido tributadas pelo povo bracarense e enumera as vantagens do canto coral em Orfeon.

Refere-se ao papel social dos Orfeons e especialisa a organização das escolas infantil e maternal de Condeixa e Povoas de Varzim sustentadas pelos orfeons de cada uma destas terras.

Enaltece a obra dos grandes mestres do canto, como João Arroio, e a dedicação de Ribeiro Dantas pelo Orfeon de Guimarães. Preconiza a mais estreita união entre Braga e Guimarães e diz estar esperançado que, no proximo congresso do Minho, algo de proveitoso seja feito nesse sentido e no da ligação das duas cidades pela tracção electrica que reputa indispensavel para que essa mais estreita união seja realisavel. Termina com as estrofes de Junqueiro:

O' Moçidade heroica e bela,
Morre a cantar... morre...
Porque Ela Reviverá!

sendo muito aplaudido.

O espectáculo

Eram 8,35 da noite, quando demos entrada no Teatro Circo. A profusão de luz e diversidade das toilettes das senhoras dava

um soberbo aspecto ao magnifico teatro. No atrio estavam 2 bandas de musica, uma da Oficina de S. José e outra de S. Caetano, que tocavam alternadamente belas composições do seu repertorio.

Grupos de orfeonistas esparlhavam em papelinhos multicores a seguinte composição poetica dedicada:

ÁS GENTILÍSSIMAS DAMAS BRAGARENSES
(em 4 / 2 / 923)

O' Senhoras gentis, lindos amores
Desta velha cidade tão augusta,
Onde vimos cantar, quais trovadores
A quem a vida só assim não custa!

A luz do vosso olhar acalma as dôres
E as fundas mágnias da nossa alma assusta,
Ao perpassar neste jardim de flores,
Nesta vizinha Braga, tão vetusta.

Benditas sejas, pois, em toda a parte,
Agora e sempre, enquanto o sol doirado
Iluminar o nosso Portugal!

Vós também sois o sol da nossa Arte,
E o som da nossa voz era velado
Sem o vosso sorriso divino!...

Às 9,15 sobe o pano sendo o nosso Orfeon recebido com uma prolongada salva de palmas.

O sr. dr. Moreira de Sá Tino, num bem burilado discurso, com ritmos de arte, faz á apresentação do nosso grupo coral. Refere-se ao concurso prestado pelo Orfeon a quando da conferencia do sr. dr. Trindade Coelho, na Sociedade Martins Sarmento, a que assistiu e saúda Ribeiro Dantas pela sua muita dedicação ao canto coral.

Cita o nome de Afonso Lopes Vieira, o poeta da Raça, como dedicadissimo a estas organizações corais, onde se manifesta toda a vitalidade da nossa Raça.

Termina com uma saúdação ás gentis damas, sendo muito aplaudido. Segue-se-lhe o Orfeon que primorosamente executa a 1.^a parte do programa, arrancando á assistencia os maiores aplausos. O 1023, magistralmente desempenhado por J. Roriz e A. Meireles, agradou imenso, sendo muito aplaudidos os seus interpretes.

FRATERNIDADE

COMPANHIA DE SEGUROS

Agente em Guimarães:

Domingos Ferreira de Oliveira Guimarães

RUA DE PAIO GALVÃO, 88

JOÃO RIBEIRO

ALFARTE

Modas e confecções

Rua 31 de Janeiro, 132 — GUIMARÃES

Cartilha Monarquica

Cartilha do Operario

PREÇO DE CADA 400 REIS

Pedidos á administração do nosso jornal

GIL VICENTE

PREÇO DA ASSINATURA
(Pagamento adiantado)

Portugal

Ano	7\$500 reis
Espanha	9\$500 >
Africa	10\$500 >
Brazil	12\$500 >
Numero avulso	150 >

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES
(Pagamento adiantado)

Anuncios e comunicados, linha	200 reis
Repetições, por linha	100 >
Permanentes, contracto convencional	
Reclames, no corpo do jornal, até 5	
linhas, cada um	1\$500 >
Anunciam-se as publicações que o mereçam,	
mediante dois exemplares gratis.	
Anuncios, não judiciaes, para os srs. assinantes,	
20 por cento de abatimento.	

GIL VICENTE

Ano IV N.º 127

2.ª Série N. 4

Ex. Sr.